

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
29 de Maio de 2021
ESCREVER/FILMAR - ESCRITORES NO CINEMA

DOUBLES VIES / 2018 Vidas Duplas

Um filme de Olivier Assayas

Argumento: Olivier Assayas / *Imagem (negativo em super 16 mm, tiragem em suporte digital, cor, formato 1x85):* Yorick Le Saux / *Cenários:* François-Renaud Labarthe / *Figurinos:* Jürgen Doering / *Música:* não identificado / *Montagem:* Simon Jacques / *Som (Dolby Stereo):* Nicolas Cantin / *Interpretação:* Vincent Macaigne (*Léonard Spiegel*), Guillaume Canet (*Alain Danielson*), Juliette Binoche (*Selena*), Nora Hamzawi (*Valérie*), Christa Théret (*Laure d'Angerville*), Sigrid Bouarine (*Victorine*), Pascal Gregory (*Marc-Antoine Rouvel*), Antoine Reinartz (*o livreiro em Arles*), Violaine Gilibert (*a namorada de Rouvel*), Olivia Ross (*a namorada de Laure*) e outros.

Produção: Charles Gilibert para CG Cinéma / *Cópia:* digital (suporte original da tiragem), versão original legendada em português / *Duração:* 106 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Veneza, 31 de Agosto de 2018 / *Estreia em Portugal:* 27 de Fevereiro de 2020 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Em princípio, uma das atividades mais difíceis de ser traduzida em termos cinematográficos é a do escritor, pelo facto de ser profundamente solitária e silenciosa. Fazem exceção, naturalmente, as biografias filmadas de escritores célebres, de preferência que tenham sido objeto de escândalo, como Oscar Wilde e Émile Zola. Talvez um dia façam uma série sobre as proezas de Maria Kodama, megera quase perfeita no papel de gestora da vida quotidiana e empresária do personagem algo fantasmagórico em que Jorge Luis Borges se transformou nos últimos dez anos da sua vida. Mas embora os exemplos não sejam muitos, o escritor no cinema de ficção por vezes é mostrado como aquilo que é, às voltas com o mundo mental em que vive, a imaginar uma narrativa, como em **Providence**, ou nas duas ficções feitas à volta de Fernando Pessoa, **Conversa Acabada** e **Filme do Desassossego**. No entanto, não é nada raro que o facto do personagem ser um escritor pouco tenha a ver com a narrativa: alguém se lembra que o personagem de Cornel Wilde em **Leave Her to Heaven** ou mesmo o de Jack Nicholson em **Shining** (que tem de se retirar num hotel isolado para ter “inspiração”) são escritores? No entanto, como o cinema se apropria de tudo e sempre o faz de modo pouco ambíguo e, por conseguinte, singelo, algumas formas da representação desta criatura no cinema se definiram ao longo dos anos. No verbete do *Dictionnaire des Personnages du Cinéma* (1986), o então crítico e futuro realizador Philippe Le Guay lembra que “*contrariamente ao jornalista, sempre em busca de algum escândalo, o escritor está ao serviço de uma verdade íntima*” e assinala as diferenças genéricas entre as representações do escritor no cinema europeu e no americano: “*No Velho Mundo, uma tradição da literatura contemplativa e elitista (...) propõe uma galeria de escritores saturados de cultura. Estes estetas são atormentados por um corte inelutável com o real. Marcello Mastroianni em La Notte (...) e mesmo Jean-François Stévenin em La Tortue sur le Dos delinham um retrato do escritor como um ente separado do mundo, como que atrás de uma parede de vidro, (...) ameaçado pela esterilidade. No cinema americano, pelo contrário, os romancistas vêm-se às voltas com um corpo a corpo brutal com o real. Uma velha máquina de escrever desengonçada, cartas de recusa dos editores, algumas últimas moedas no bolso, caracterizam o quotidiano destes heróis solitários, muitas vezes hirsutos, com a barba por fazer, com grandes manchas de suor na camisa, como se fossem camionistas ou estivadores*”.

Doubles Vies é situado no mundo de hoje, o da era informática tão diferente do de 1986, apesar das semelhanças entre o que é descrito por Philippe Le Guay no seu texto e o que mostra Olivier Assayas no seu filme (o seu personagem de escritor vive ao mesmo tempo

detrás de uma parede de vidro e num corpo a corpo com o real). Este mundo é marcado pelo progressivo fim do objeto e, por conseguinte do livro, e pela sua substituição pelo que é imaterial. Também é marcado pelo excesso de informação, pelo imediatismo, pela transformação de nada em tudo e de tudo em nada (cada um dá a sua opiniãozinha sobre todo e qualquer assunto, não mais no âmbito do café do bairro, mas em escala mundial) e pela tremenda agressividade censória que reina nesta suposta democracia em que cada um é policial, procurador e carrasco do próximo, num oceano de puritanismo que chega rápida e facilmente às raias do auto-da-fé. Todos estes elementos estão presentes nas inúmeras conversas que permeiam o filme, numa atualização necessária da problemática do escritor (note-se que a expressão *homem de letras* nunca é utilizada) e, por conseguinte, também do editor. Posto que no filme e na realidade que este mostra - escrever - é uma profissão, Assayas resolve com hábil pragmatismo a questão fundamental: como mostrar um escritor num filme? Ele resolve esta questão privando a narrativa de qualquer preâmbulo e começando o filme como que a meio da ação, com um almoço de trabalho entre um escritor e o seu editor. Cada um dos dois, é representado através de um cliché, porém de modo deliberado: o primeiro é feio, inseguro e mal vestido (embora, como veremos pelo apartamento em que vive, não padeça de miséria), ao passo que o segundo é um bem-apegoado e bem vestido quadragenário que parece mais “intelectual” do que o primeiro, embora tenha de lidar com a realidade comercial dos livros em vez de escrevê-los. Parece uma cena de um filme francês dos anos 50. Esta sequência de abertura (em que o manuscrito do último livro do escritor é recusado com meias palavras que o interessado não percebe, primeiro dos muitos exemplos da sua lerdeza mental) dá o tom de **Doubles Vies**, que se desenvolve numa sucessão de longas e intermináveis conversas, a dois, a três ou em grupo, em que são abordadas questões sérias e reais: o livro digital; os blogs como exemplos da literatura do século XXI, como eram os *carnets* de outros tempos; a denominada “auto-ficção”, que poupa ao escritor o esforço de imaginar, sem perder as vantagens de seduzir o leitor com uma história; a extinção das livrarias; em suma, todo um novo mundo que se configura. Estas importantes questões são mostradas pelo realizador com ironia, através do papaguear dos personagens, que formam uma fauna em que alguns são inteligentes e cultos e a maioria é arrivista e snob. Curiosamente, não ocorre a ninguém, nem nas conversas entre amigos, nem nos debates na rádio ou em livrarias, observar que apreende-se melhor um texto impresso do que um texto que desfila na tela de um computador. Talvez seja uma questão demasiado profunda para estas pessoas que parecem personagens secundários de algum romance do século XIX. Neste sentido, devido ao olhar ferino *ma non troppo* do realizador, **Doubles Vies** terá um inegável interesse para os sociólogos do futuro.

Mas apesar de Assayas ter cercado a questão da literatura no mundo de hoje por todos os lados, com método e afínco, aturdindo o espectador com um oceano de diálogos que são monólogos paralelos e simultâneos, a literatura e as duas profissões que lhe são associadas - escritor e editor - são meros pretextos para um enésimo filme sobre a conjugalidade, em que as aventuras extra-conjugais são felizmente tratadas sem o neovitorianismo deste terceiro milénio. Basta ver o cartaz do filme para a distribuição nos países de língua inglesa, que mostra os cinco protagonistas na mesma cama (no cartaz francês, eles caem das páginas de um livro). Em **Doubles Vies**, o mundo literário é um pretexto (poderíamos estar no meio da construção civil ou da distribuição alimentar) para mostrar as medíocres aventuras da conjugalidade. No entanto, o filme se redime deste aspecto genérico no desenlace: diante do mar, a mulher do escritor anuncia-lhe em *tête à tête* a felicidade suprema: está grávida. Eles não tem relações sexuais há tempos e análises clínicas tinham provado que não podiam ter filhos juntos, mas que importa? O resultado é quase buñueliano, no seu uso tão extremo de um cliché que a ironia torna-se evidente. O alvo desta última flecha talvez seja menos o tão burrinho personagem do escritor do que o culto da família e da conjugalidade que assola o cinema francês contemporâneo.

Antonio Rodrigues